

Índice

O Ranger do Soalho do Passado	9
-------------------------------------	---

I .^a PARTE

O SONHO E A MAGIA

I – Tochas na Noite	17
<i>fronteiras e interpretações do que é a magia</i>	
II – O Carvalho e a Oliveira.....	35
<i>fenómenos mágicos e fenómenos religiosos</i>	
III – Amores pelo Caminho.....	55
<i>da cura à magia</i>	
IV – <i>In Vitro</i>	93
<i>a natureza e o mistério da Serra de Sintra</i>	

2 .^a PARTE

FLORESTA DE ENGANOS

V – Caldeirão Negro.....	109
<i>o enfraquecimento da superstição</i>	
VI – O Veado Branco da Pena.....	121
<i>presságios e profecias</i>	

VII – Do Cabo da Roca às Cidades.....	131
<i>as bruxas</i>	
VIII – Labirinto de Nevoeiro	147
<i>seres, lendas e monstros na história</i>	
IX – A Sombra do Lanceiro.....	165
<i>ilusões e fantasmas da Serra</i>	

3.ª PARTE

FANTASMAS DA SOLIDÃO

X – A Gruta Fluorescente	193
<i>os céus, a astronomia e a astrologia</i>	
XI – Águias Errantes	235
<i>eremitas da Serra de Sintra</i>	
XII – O Silêncio do Lobo.....	271
<i>visitações de demónios e do Diabo aos religiosos da Serra de Sintra</i>	

4.ª PARTE

ÚLTIMOS DESEJOS

Últimos Desejos.....	337
Bibliografia.....	339

O Meu Coração e o Seu Coração

No correr de um Verão dos anos de 1400, Afonso V, que havia nascido no Palácio da Vila — quando esse se assemelhava a uma grande casa senhorial por edificações mais pequenas cercada —, faleceu no quarto onde quase cinco décadas antes tinha neste mundo surgido, o mesmo quarto onde quase cinco décadas antes tinha nascido. Tendo a vida do Rei abandonado o corpo no qual sua alma habitara, foi esse seu invólucro terreno acomodado num ataúde.

Na noite, defronte do Palácio da Vila e em redor do ataúde do Rei que ia sendo carregado por uma besta de carga, os crucifixos oscilavam no alto com os passos que os homens iam dando. A abrir uma amarela e fumegante claridade no escuro véu da noite que sobre Sintra caía, o ondular das tochas empunhadas fazia-se acompanhar por uma multidão de clérigos, assim como pelo Conde de Monsanto.¹

Saindo de Sintra, aquele nocturno e fúnebre cortejo, ajuntamento de pessoas e aglomerado de tochas e cruces, acompanhava o corpo do décimo segundo Rei de Portugal para a eterna morada no Mosteiro da Batalha. E o seu? O seu cortejo fúnebre. Já pensou como será? Quem dele fará parte? Quem mais sentirá a sua partida, e também quem, ainda que entre os outros se encontre presente — e sem que esses o saibam —, menos a sentirá?

A morte acompanha-nos ao longo de toda a vida, mostrando-se isso quer naqueles que em nosso redor partem, quer por à nossa espera se encontrar no fim do caminho. No fim daquele caminho que se vai encurtando e que à medida que vamos percorrendo os passos nos anos da vida, o vamos sentindo cada vez mais próximo.

¹ *Chronica de El-Rei D. Affonso V*, v. 1, Ruy de Pina, edição de 1901, p. 149.



Pelos antigos montes da Serra de Sintra estende-se no passado uma História para quase todos desconhecida. Uma longa História que deve sair de Sintra para que Serra e Vila se possam melhor sentir, para que se possam melhor compreender.

A maior parte das pessoas quando olha para o seu passado, para os séculos que lá atrás se encontram e que guardam uma Serra e Vila com inimagináveis acontecimentos, não sabendo a sua História não sabem também como imaginar esses espaços, pois não possuem elementos assimilados na memória que permitam fazê-lo. Mesmo que se esforcem ao fazer o mais comum: utilizar os olhos do presente para olhar para um passado que, à medida de cada um, tem as diferenças que a essa pessoa forem óbvias.

Existem, no entanto, muitas coisas que — apesar de nos acharmos muito evoluídos hoje em dia — se encontram exactamente na mesma. Outras, mais sensíveis, por vivificarem ainda mais o passado, por serem de maior demora na sua busca e por ser necessária uma sensibilidade mais apurada para as transmitir aos outros, ficam completamente esquecidas. São estas últimas a chave para o grande tesouro da História que já se encontra dentro do seu coração fechado, aguardando apenas que alguém o abra.

Se o aspecto da Serra de Sintra variou de forma significativa ao longo dos séculos, os fenómenos climatéricos que antigamente se davam ainda hoje se mantêm — ou pelo menos, pela comparação de informações a essa conclusão chegamos. A formação rochosa da Serra, da pequena cordilheira, era a mesma; já a sua cobertura, o seu verde, os pináculos de grandes amontoados de largas rochas (que aos dias que isto escrevo já se encontram em grande parte escondidos), faziam com que o peregrino visse, na distância e





Uma vista da actual Calçada de São Pedro no final da década de 1820, por Domingos Schioppetta. Do outro lado do monte que se eleva do lado esquerdo da carruagem, situava-se o vale que tinha o Convento da Santíssima Trindade da Serra de Sintra. Arquivo Pessoal do Autor.

Nas últimas páginas escrevi-lhe sobre alguns espaços religiosos que existiram nas montanhas e aos quais terei, no trilhar destas linhas e no correr destas velhas páginas, de voltar consigo. Porém, quando o fizermos será de forma demorada e com umas cores e hábitos os quais certamente não espera no passado encontrar.

Mas daqui da Serra ainda não lhe falei de ninguém em concreto.

Irei apenas, ao de leve e para já, mencionar uma pessoa.

Se acerca de um dos últimos espaços mencionados lhe contei sobre suas frescas sombras, falar-lhe-ei agora de alguém que na edificação onde na Serra habitou, *no lanço meridional* dessa encontrava a *casa chamada de fogo*.⁴⁵ A sua influência na comunidade foi tão importante que a sua sepultura tomou lugar na edificação religiosa na qual residiu, na Serra de Sintra.⁴⁶

⁴⁵ *Chronica dos Carmelitas da Antiga, e Regular Observancia*, t. II, Fr. Joseph Pereira de Sta. Anna, edição de 1751, p. 126.

⁴⁶ *Chronica dos Carmelitas da Antiga, e Regular Observancia*, t. II, Fr. Joseph Pereira de Sta. Anna, edição de 1751, pp. 123 e 126.



O rigor com que viveu é exemplificativo quer da forma como naquela *casa* se fazia sentir, quer da forma como aceitava, tomava para si, isso mesmo: fazia, por exemplo, muito uso do *quarto de exame de consciência*⁴⁷, tomava de bom grado as matinas em todas as meias-noites e, para que não existisse qualquer espaço para a corrupção da moral e da alma, todas as cartas que se recebiam e que eram enviadas tinham de ser mostradas.⁴⁸ Quando a morte se começou a aproximar de si e se encontrava enfermo, mandou chamar o seu *Padre Espiritual*, a quem disse:

Padre, tenha-me um segredo e peço-lhe que o não diga a pessoa alguma. (...) Esta enfermidade é obra de Santa Teresa [de Ávila] e efeito de suas orações; ela me alcançou esta mercê de Nosso Senhor, pedindo-lha eu na Missa que lhe disse em Cascais.

Devido a isto, e ao segredo guardado por aquele *Padre Espiritual* enquanto a vida deste Estevão se esvaía, foi a situação tomada como Teresa de Ávila, no outro mundo, ter intercedido por ele para que aquela enfermidade surgisse, e, surgindo, que rapidamente o levasse.

Já mais próximo da morte viu-se num alto monte, entre anjos, adorando a Santíssima Trindade. Em outra vez, foi o próprio Cristo que despregou o braço direito da cruz, querendo tomá-lo para si.⁴⁹

Depois do último sopro que seu peito em vida deu, colocaram Estevão sobre um estrado, numa das celas deste Convento do Carmo, situado na parte Norte da Serra.

Quando ainda em vida, vinha todos os dias um escravo *turco*⁵⁰, cativo de Diniz de Mello, que trazia consigo a comida que Francisco de Mello e Luís de Mello enviavam a este sacerdote de nome Estevão. O turco chegava sempre à porta do Convento com muito alvoroço, dizendo *que trazia de comer para o Padre Santo*. Só quando o religioso Estevão faleceu é que o turco se decidiu a entrar pela primeira vez no Convento, querendo ver o seu corpo, de vida

⁴⁷ As divisões nas edificações religiosas que tinham a denominação de *quarto de exame* são hoje denominadas de outra forma. A título de exemplo, no Convento dos Capuchos da Serra de Sintra a denominação actual é *cela da penitência*.

⁴⁸ *Vida e Morte do Padre Fr. Estevão da Purificação*, Fr. Lvys d'Apresentação, edição de 1621, pp. 324-325.

⁴⁹ *Vida e Morte do Padre Fr. Estevão da Purificação*, Fr. Lvys d'Apresentação, edição de 1621, pp. 333-336.

⁵⁰ Talvez o melhor seja referir que o sujeito muito possivelmente vivia em alguma região ocupada pelo Império Otomano ou desse fazia parte.

2.º capítulo

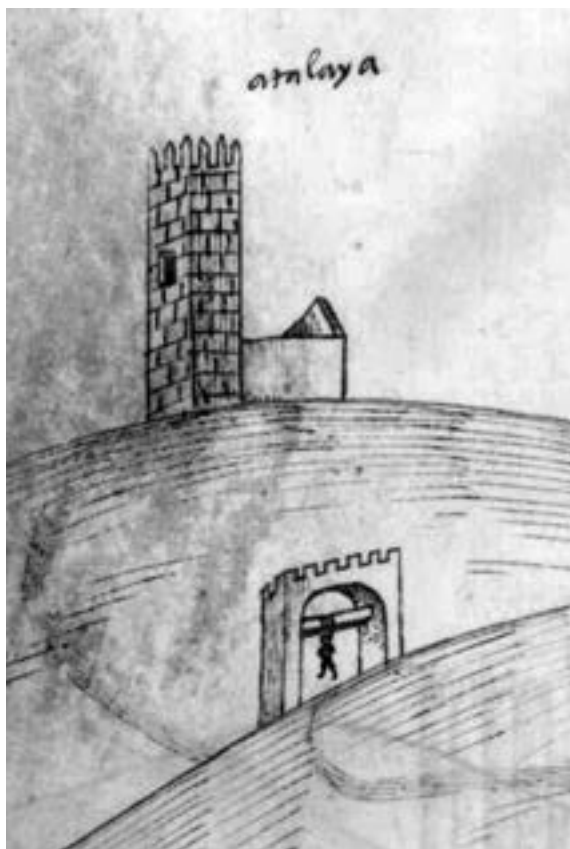
O CARVALHO e a OLIVEIRA

FENÓMENOS MÁGICOS e
FENÓMENOS RELIGIOSOS



BUFO-REAL (*Bubo bubo*), fotografia com adaptação digital do autor.

Para as mandrágoras a sorte era diferente. Existia quem as guardasse em suas casas para que tendo-as, por elas tivessem graças de senhores (fidalgos, nobres, pessoas com estatuto social e económico) e que ganhassem sempre nos assuntos que estivessem a tratar. Caso se fosse apanhado a incorrer neste crime, a lei dizia que se fosse peão (um soldado ou um homem que trabalhasse no campo), ou de peão para baixo, seria publicamente açoitado com barço, tendo pregão no lugar, e tendo de pagar dois mil reais a quem o acusasse. Se fosse vassalo ou escudeiro, ou daí para cima – ou mulher de um destes – era degradado para África durante dois anos (pagando ainda quatro mil reais a quem o acusasse).



Uma forca num fragmento de um dos desenhos de Duarte d'Armas no início dos anos de 1500. Arquivo Nacional Torre do Tombo.

Segundo Teófilo Braga, existia a crença popular de que as mandrágoras nasciam debaixo de forcas onde homens haviam sido enforcados, pelo sémen que esses haviam derramado no momento da sua execução.¹⁵⁵ De certo só se pode dizer que o nome da mandrágora é *mandragora officinarum*, significando *officinarum* “da loja” ou “da botica”, ou ainda, “da ervanária”. Assim se crê que teria um uso medicinal ou outro que a faria ter de ser processada ou tratada.

É muito possível que essa mandrágora de Mestre Nicolau – a ser verdade – tenha vindo de fora do Reino. Não seria muito fácil encontrar uma mandrágora, até porque as que eram utilizadas com o fim de magia encontravam-se mais facilmente em outras partes da Europa que não na

¹⁵⁵ *O Povo Português Nos Seus Costumes, Crenças e Tradições*, v. 2, Teófilo Braga, edição de 1885, pp. 137-138.



magia que interage com os cavaleiros, garantindo sucesso em troca de fidelidade. Existindo fé, os cavaleiros teriam apenas seguido o seu destino, certos de que Deus os acolheria depois da mesma maneira, quer a sua investida resultasse em sucesso, quer resultasse em insucesso.

Com uma relação medieval encontramos também a zona de Santa Eufémia.¹⁶⁹

A marca da pegada da Santa em pedra garantia que as águas do lugar eram importantes. Encontram-se em registos do passado certos depoimentos que demonstram de forma clara a importância daquelas águas para as doenças de pele e da vista. A forma como tudo se cura tem também — na intenção de Deus — uma circunscrição mágica; o local é abençoado, e assim o que dele advém faz com que aquilo que toque seja curado. Este local tinha

¹⁶⁹ *Sintra Lendária — Histórias e Lendas do Monte da Lua*, Miguel Boim, (Zéfiro) edição de 2014, pp. 100 e ss.



Os Banhos de Santa Eufémia entre as décadas de 1870 e 1890, vendo-se também uma das actuais entradas de serviço do Parque da Pena, e no topo, aquele que no início do século XX era conhecido como “Mirante de Santa Eufémia”. Rijksmuseum, Amsterdão.



Do lado esquerdo e ao fundo, a rua onde hoje se situa a Piriquita. Fragmento de obra (desenho e gravura) de João Pedro Monteiro, década de 1850. Arquivo Pessoal do Autor.

morte não conseguia passar para o outro lado e estava em permanente desconsolo. Nesse caso chamava-se uma bruxa, a qual se colocava sentada junto ao acamado, e lhe dizia *agora repita comigo “iiiih Jesus que morro”*.²⁰² Eram chamadas para apressarem o processo de morte, e que fosse uma morte tranquila.

Existiam muitos mais casos em que a bruxa tinha de agir sozinha. Nos preparos deixados nas encruzilhadas, na preparação desses mesmos preparos, nas palavras soltas ao vento que interagiam de forma decisiva no curso do Mundo, e até na escolha que o Diabo fazia, quando era esse a escolhê-las e lhes aparecia em sonho, ou lhes aparecia à frente (muitas vezes à noite, em seu quarto).²⁰³

Também a bruxaria não era apenas para mulheres, embora o seu esmagador número fosse praticado por mulheres. Ou atribuía-se de forma errónea, como força de expressão por actividades relacionadas, o epíteto de “bruxo” a um homem. Um que ficou muito conhecido no século XVIII e que aparece em vários processos da Inquisição era o *Tio de Massarelos*. Massarelos é uma localidade no Porto, e como deverá saber, o senhor não era o tio dessa localidade. Era simplesmente conhecido como *Tio de Massarelos*.

Nos anos de 1700, o Tio de Massarelos resolvia um sem fim de questões problemáticas na vida das pessoas, quer fosse com as suas ambições pessoais, quer fosse pelos seus próprios amores, quer fosse pelos amores dos que lhes eram chegados, quer fosse por outra razão qualquer. Fazia

²⁰² *O Povo Português nos Seus Costumes*, v. 1, Teófilo Braga, edição 2010-2014, p. 98.

²⁰³ A título de exemplo: *Bruxaria e Superstição*, José Pedro Paiva, edição de 2002, pp. 108, 129, 139.

